Master Negative Storage Number

OCI00048.37

Costa, Antonio José da

Dialogo entre a coruja e o morcêgo

Rio de Janeiro

1877

Reel: 48 Title: 37

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00048.37

Control Number: BBP-9731
OCLC Number : 07521303
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 6
Author : Costa, Antonio José da.
Title : Dialogo entre a coruja e o morcêgo : e, A prophecia n'um baile de mascaras / por Antonio José da Costa.
Imprint : Rio de Janeiro : Livraria de A.T. de Castro Dias, 1877.
Format : 16 p. ; 20 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9.29.94
Camera Operator: CS

DIALOGO

ENTRE A

CORUJA

E O MORCÊGO

E A PROPHECIA

N'UM BAILE DE MASCARAS

POR

Antonio José da Costa

RIO DE JANEIRO.

Livraria de A. T. de Castro Dias, Edictor

154—Rua das Violas – 154

1877

W
381.5698
P8383
no. 6

CLEVELAND
PUBLIC LIBRARY

A' venda na mesma casa

Poesias de Francisco Pires Zinão 1$000 Conselheiro dos amantes 1$000 Proezas de um vagabundo 200 rs. Princepe Cyrillo 500 rs. Vida e fadigas de um caixeiro 200 rs. Lyra do Trovador 1$000. D. Nuno Peres de Faria 500 rs. Diccionario das flores 500 rs. Princeza Magalona, 500 rs. Disputa da mulher com o marido 200 rs. João Brandão, despedida, 200 rs. Livro dos sonhos 600 rs. Contos das fadas 1$000 Fabulas de Ullysses 200 rs. João de Calais 500 rs. Dous proscriptos, dramas 1$000 Judia e Noivado do Sepulchro, 200 rs O padre assassinado pelo filho do sapateiro, 200 rs. Cerração no mar, 200 rs. Roberto do diabo, 500 rs. Um alho, scena comica, 200 rs. O meirinho e a pobre 200 rs. Astucias de Bertholdo, 600. Donzella Theodora, 400 rs O Trovador Brazileiro 500 rs. Ciumes do Bardo 200 rs. Historia da bella e da fera 200 rs. Cantos e prantos, poesias 1$000 Amor e dever, romance 1$000 Perdição de uma mulher vaidosa. Dous namorados. 200 rs. O mundo vai-se acabar 200 rs. Testamento de um soldado 200 rs. A bella adormecida no bosque 200 rs. Emquanto o bond não parte 200 rs. Vida e despedida de José do Telhado 1$000 Vinte nove, Honra e Gloria 1$000 Malicia das mulheres 500 rs O Sarrabulho, scena comica 200 rs. O Usurario scena comica 200 rs. Historia de um marinheiro scena comica, 200 rs O Meu amigo Banana dito 200 rs Supplicio e copos scena comica, 200 rs. Fui ver a festa da penha 200 rs. Manel da Balada 200 rs. Vida e Milagres de S. Antonio 1000 rs. Barba azul 200 rs. Elle e ella romance 200 rs. Canto da sabiá 200 rs. Paulo e Virgina 500 rs. Disputa da Agua com o vinho 500 rs. Amor fatal 1$000 Testamento do macaco, 100 rs. Dito do rato 100 rs. Dito da mosca 100 rs. Dito da saracura, 100 rs. Dito da rapoza 100 rs. Dito do Papagaio 100 rs. Dito da preguiça 100 rs. Dito do boi 100 rs. Dito do gato 80 rs. Dito da mula 80 rs. Dito da galinha 80 rs. Dito do gallo, 80 rs. Dito do porco, 80 rs. Dito do cavallo 80 rs. Dito da barata, 80 rs. Dito do burro 80 rs. Dito do peru 80 rs. Dito do cabrito 80 rs. Dito do carneiro 80 rs. Confissão de um beata 500 rs. Testamento do padre Verissimo 200 Expositor para meninos 1$000 Cathecismo 1$000 A familia do Jesuita 1$000 Dinheiro alheio romance 3$000.

Despedida de José do Telhado (poesia) 200 rs.

O Inundado, por F. Moreira de Vasconcellos 200 rs.

E MUITAS OUTRAS OBRAS

AUG 21 1911

DIALOGO

ENTRE A

CORUJA E O MORCEGO

NO ADRO DE UM MOSTEIRO

COR.—Ainda não sabes, Morcego,
Que não tem ordem de andar
A tua torpe figura
Por aqui a passear?

Se não saes d'aqui para fóra
Castigo te será dado,
Só por teres atrevimento
D'entrar em logar sagrado.

Ou tu julgas ser politica
Que deves aqui rondar?
Se te torno aqui a ver
A vida te hei-de tirar.

Olha que eu com este bico
Dou-te duas picadellas
Que te deito o fato fóra,
Esquartilho-te as costellas.

Quantas vezes aqui passo
Todas as vezes te vejo;
Só tirar-te os olhos fóra
Era todo o meu desejo.

Que fazes todas as noites
No adro d'este mosteiro
Andar á volta do templo
Figurando de romeiro?

MOR.—Faço o mesmo que tu fazes
E' bem sabida a razão:
Ando como tu buscando
A minha conservação.

Não sabes que o Creador
Que nos deu o movimento,
Tambem nos deu o instincto
Para buscar o sustento?

Nenhum logar tem reserva
Que o creador me fizesse,
Deu-me o destino de andar
Por onde me conviesse.

Entendes que não é justo
Andar por este logar?
E commettes tal aggravo?
Como vens aqui andar!

AUG 15

Gozas algum privilegio,
Ou te julgas mais do que eu!
Quem a ti te deu o ser
Foi o que o ser me deu.

COR.—O privilegio que eu tenho
Tu já o podes saber,
E' este meu lindo brilho
Que todos gostam de ver.

Pela minha formosura
Entro em todo o logar,
De todos sou estimada
Ninguem me quer maltratar.

Se tu foras como eu sou,
Uma ave tão formosa,
Terias como eu só tenho
O prazer de ser ditosa.

Se eu fôra como tu és,
Incapaz de apparecer,
Mettia-me n'uma lura
Até deixar de viver.

Nem meu sustento buscava,
E antes queria morrer,
Mais do que andar no mundo
A todos aborrecer.

Tu, e toda a tua raça,
Assim deviam fazer,
Mais vos valia acabar
Do que sem gosto viver.

MOR.—Má sorte tenhas tu breve,
Em paga do parecer,
Que eu a morte não desejo,
Folgo muito de viver.

Sou contente com a sorte
Que me deu o Creador,
Porque toda a creatura
Como quem é tem valor.

Todos nós somos grandezas
Que o Creador quiz mostrar,
Todos podemos viver,
Cada um tem seu logar.

E seja formoso ou feio
Ninguem deve escarnecer,
Por ser creado ao gosto
De quem tem todo o poder.

Assim quiz o creador
Mostrar taes variedades
De animaes e avesinhas
De diversas qualidades.

Não julgues por eu ser feio,
Que me não dê por ditoso,
Porque de feio, valor.
Eu tenho como formoso.

Senão, vê como o Macaco
Tem por prenda de ser feio
Mois estima do que tu,
Para viver de recreio

Muitos vivem, por estima,
Em casas reaes e nobres,
Que lhe dão do seu sustento,
E por elles dão bons cobres.

Basta para conhecêres
Quanto o Macaco mais val;
Tu não tens quem te sustente
Nem por ti dê um real.

E mais présas formosura
Tens se quer esse contento,
Ainda que pouco tens,
Vives n'esse pensamento.

Na verdade é como dizem
Os viventes mais distinctos,
Aquelles mais imperfeitos
Se presam de ser mais limpos

Porque sómente te vejo
Toda cheia de ufania,
Abastada de egoismo
De virtude tão vazia.

De formosura és bem pobre,
E d'amor proprio abastada,
No cantar fastidiosa,
Do que è bom não tens tu nada

P'ra que notaste meus erros
Sem nos teus refletir;
Ninguem note os erros d'outro
Se não quer os seus ouvir.

Não devemos mormurar
Nem do que mau te pareça;
Não ha cégo que se veja
Nem tolo que se conheça.

Julga-se o baixo subido,
Por não conhecer quem é;
Pois arguéiro no seu olho
E' cousa que ninguem vê.

Da qual foi nosso principio
Creado no quinto dia,
Cuja prova è muito clara
D'esta nossa igual valia

Tudo quanto Deos creou
No quinto dia do mundo
E' irmão pela materia
E puro seja ou immundo.

Como te queres pressar
De mais altivo valor
Sendo da mesma materia
E feitos d'um só autor?

Se esta razão recusares
Por meu differente vestido,
Eu dou provas evidentes
Da verdade que te digo.

Se uns vês cobertos de pelles
Outros de penas ou pêlo,
Foi querer nosso Creador
Mostrar differente modêlo.

Minha razão não combates
Nem contra ella ha defeza,
Que se é differente o modêlo
E' igual a natureza.

Por isso não escarneças
Dos que tu vires mais pobres.
Que podem os mal vestidos,
Praticar acções mais nobres.

Basta para confirmar
A verdade que te digo,
Que a boa acção é da alma,
Nada tem com o vestido.

Ninguem note os erros d'outro
Porque todos tem defeitos;
Nem creias que hajam viventes
Que em tudo sejam perfeitos.

Assim mesmo destinou
O autor da creação
Para que todo o vivente
Possa ter estimação.

Uns são prendados no canto
Outros são na formosura,
Outros excedem nas prendas
Terem horrenda figura.

Quiz assim o Creador
D'esta fórma repartir,
Para que uns não vivam tristes
Nem outros se possão rir.

Se queres saber dos Morcegos,
Qual a sua prenda é.
E' voar não tendo pennas
O que só nelles se vê.

Não invejo formosura
Nem me pesa ser horrenda;
Eu sou feia creatura
Isso mesmo é uma prenda

Eu sou das aves mammif'ras
Que por prenda são diff'rentes
Dão geração sem pôr ovos
E habita os continentes.

Tenho azas e não penas,
Bôca tenho e não bico,
No voar s u como ave
E a rato significo.

Onde me mostras que haja
Entre vastas creaturas
Uma igual ao morcego
Em fazer tantas figuras?

Tudo isto são prendinhas
Que me deu o Creador
Pois tu só figuras d'ave
Já eu mostro mais valor.

Tu só presas formosura
Quando tu nunca a tiveste;
No cantar tambem não vales;
Não vejo pois em que preste.

Quando soltas o teu canto
Nas feias noutes d'inverno
Parece á ronca trombeta
Do mais profundo inferno.

Os que t'ouvem não conhecem
Todos se enchem de pavor,
D'ouvir tua voz horrenda
Que assás causa terror.

Se soltares o teu canto
Pela clara luz do dia
Como que fosses um tigre
Te farião montaria.

Ainda dizes, que és
De todos applaudida,
Quando és pelo contrario
De todos aborrecida!

Basta o nome, que te deram
P'ra confirmar a verdade,
Que mesmo foi escolhido
Igual á propriedade.

C'ruja! C'ruja! pois que nome
Baixo vil e bem horrendo,
Se teu nome indica honra
Digo, de honra não entendo.

Que vergonha e que despreso
Eis aqui está o teu ser
P'ra que estàs cheia de empafia
Se não tens de que a ter?

Cor.—Estás muito agastado
Sómente por te dizer
Que andavas pelo mundo
A todos aborrecer.

Quando p'ra ti não foi novo.
Que tu isso bem conheces
Por isso andas de noite
De dia não appareces.

Que se te apanham de dia.
Os rapazes em cilada,
Dão-te cabo d'esses ossos
Com o jogo da pedrada.

E era bem permittido
Que comtigo acabasse,
Que de tão maldita raça
Nem um somente ficasse.

Tambem aqui tens promessa
Que devas satisfazer?
Eu te arrenego, maldito,
Que aqui não te posso ver.

Mor—Mau fogo te queime os olhos
Se tu me não podes ver,
E não saes da minha beira;
Que vieste cá fazer?

Foi sómente perguntar-me
O que vim aqui fazer?
E's alguma authoridade,
A quem deva responder?

Ora sae, vai-te levando,
Nunca sejas atrevida,
Não te importes com ninguem
Cuida só na tua vida.

Senão usar do conselho
Que te dá hoje o Morcego,
Quando não tiveres remedio
Has-de chorar o teu erro.

Não penses por seres maior
Que o menor ha-de baixar
Quem quizer ser respeitado
Tambem deve respeitar.

Disseste que ando de noite
Com pejo de apparecer,
Tambem de noite te vejo,
Nada me podes dizer.

Bem sabes que sou nitalpo
Que p'ra mim a noite é dia,
Nem mais uses consumir-me
Acabemos a porfia.

Cor.—Eu não dou resto á porfia
Sem que te ouça dizer
Se não tens outro logar
Onde possas ir viver.

Ou se tens marcado praso
De poder aqui andar
Em torno d'este mosteiro
Sem sahir d'este logar.

Mor.—Olha, não vás sem resposta
Olha com o que tu vens!
Eu não tenho mais nem menos
Tenho o direito que tens.

Cor.—Não sabes, sou a guarda
Do azeite do senhor,
E que de ti desconfio
Que sejas o roubador?

Porque sempre aqui te vejo
Nunca saes d'este logar;
Vou-te já cheirar a bocca
Porque me quero inteirar.

E se me cheiras a azeite
Logo para teu castigo,
Estás julgada por sentença,
Que te esfolo mesmo vivo

Mor.—Não me hasde cheirar a boca
Pois melhor conhecerás
Que em vez de cheirar-me a frente
E' melhor cheirar-me a traz

Ingrata Coruja velhaca,
Queres só encher o teu papo,
Como eu vi hontem á noite
A sahir por um buraco.

Com a torcida no bico
D'azeite toda banhada,
Ainda p'ra maior offensa
Deixares a luz apagada.

E ainda assim me invejas
O azeite que eu bebi,
O' soberba, ó invejosa!
Só o querias para ti!

E' por isso vil ingrata,
Que destes o tal parecer
Para me entregar à morte
Sem de mim offensa ter.

Quando a morte nem devemos
Uns aos outros desejar
Porque só quem nos deu vida
Nol-a ha-de terminar.

A curta ou extenza vida
O Creador aprasou,
E tu queres contrafazer
O que elle destinou.

P'ra que tentas praticar
Um tão funesto effeito
Sem que eu te causasse agravo
Nem disso tenhas proveito?

Sabe, que todo o vivente
Que a outro motiva a morte,
Ha-de ter em recompensa,
Com rigor a mesma sorte.

O que a outro fizer victima
Victima d'outro ha-de ser,
Soffrerá a cruel morte
Que ao outro fez soffrer.

E' infeliz o vivente
Que a tal razão não recorre,
Quem dever tem de pagar,
Quem com ferro mata morre

A Coruja toda irritada
Para o Morcego voltou,
Porem avistando um gato
Logo suspensa parou.

Era o gato do abbade
Que de sobre a torre estava,
Com a gata da visinha
A quem elle namorava.

O gatarrão tão airoso,
Antes que a Coruja fugisse
Logo para a sua amada,
Em baixinha voz lhe disse:

Julgo hoje ser maré
De eu fazer bem boa preza,
Para a qual necessita
De toda a minha fineza.

Responde a amante—ignoro
Qual seja tamanha empreza,
Que te seja necessario
Empregar tanta fineza.

Não ouves n'aquelle adro,
—Isto disse o gatarrão,—
A Coruja com o Morcego
Que um ao outro matarão?

Já excede duas horas
Que ali se tem debatido,
Com palavras iracundas;
Como eu bem tenho ouvido.

Já estou aborrecido
Não quero mais ouvir,
Vou acabar-lhe a contenda
Antes que cheguem a ferir.

Vou com toda a melodia,
Fallando de modo tal,
Dizer-lhe que sou juiz,
Que venham ao tribunal.

Porque julgo desta fórma
Se elles não desconfiar,
Possa ser melhor o meio
D'eu os poder agarrar.

Facilitando-lhe o caso
Que não recuse aqui vir,
Hei-de fazer boa presa
E mais sem me consumir.

E no caso que primeiro
Venha chegando o Morcego,
Hei-de-lhe dar grande estima
Para a Coruja não ter medo.

E logo que ella chegue,
Quando s'ella descuidar,
Hei-de atracar-lhe o pescoço
E assim a hei-de matar.

Ao Morcego deixo ir,
A esse não faço mal;
Porque não paga o trabalho,
E' pequeno, pouco val.

Inda que eu n'elle tentasse
Ella assim que isto me visse
Desconfiando do mesmo
E' de crer que me fugisse.

Tenho riscado o meu plano,
Vou cumprir o meu desejo;
Esconde-te a este canto
De modo que te não vejo.

Amada gata cinzenta,
Tu bem sabes a razão;
Que se aqui te avistarem;
D'aqui entrar deixarão.

—A amante gata responde
Ao rajado gatarrão:—
Se quizeres que t'eu venere
Reprime essa má tenção.

Deixa viver essa ave
O seu tempo destinado;
Tu não queiras ultrajar,
Se não queres ser ultrajado.

Não tomaste na memoria
O que o Morcego dizia?
Que quem desse a morte a outro
Com o corpo pagaria?

Pois eu creio e te affirmo
Tudo o que disse o Morcego
Quem deverha-de pagar,
Seja tarde ou seja cedo.

Eu da fome coagida
Uma só vida roubei,
Não porque eu isso tentasse,
Mas a fome não tem lei

Bem julguei ser desculpada
Mas meu crime foi punido,
Logo com todo o rigor
Sobre mim veio castigo.

E mais vivia esfaimada
Por ser d'uma cabaneira,
Muitas vezes nem podia
Dar ao rabo com fraqueira

Eu te vou notar o caso
Que m'aconteceu um dia;
Não por minha má conducta,
Mas por fome qu'eu trazia.

Minha ama sahio de casa
Sem me deixar de comer,
Eu cuidei n'aquelle dia,
Que houvesse d'alli morrer.

Fui a casa d'um visinho
Ouvi uns pintos piar
Dentro d'uma capoeira,
E tratei de lá entrar.

Tres vezes andei em volta
Até que achei um buraco,
E por elle entrei p'ra dentro,
Metti um pinto no papo.

A muitos deixei ficar
Cuidei logo em fugir,
Mas logo dois cães de fila
Me botaram a seguir.

Juntamente alguns rapazes,
Que por pouco me pilhavam,
Ainda um com uma pedra
Quasi o rabo me traçavam.

Inda aqui não pára o caso
Uma velha me avistou
E encontrando minha ama
D'este crime me accusou.

Depois voltei para casa
Sem d'esta parte saber,
Minha ama fechou-me a porta
Cuidou logo em me bater

Deu-me tão bastas pancadas
C'o cabo d'uma vassoura,
Qu'eu por mais de duas horas
Andei n'uma debadoura.

Até que me fiz por morta
Para ver se me deixava;
Depois coisa d'oito dias,
Não comia, nem miava.

Todos os dias me alembra
Que bem caro me ficou
O pinto do meu visinho,
Que a minha pelle o pagou.

Creio que disse o morcego:
O fugir é ao dever,
Quem dever ha-de pagar,
Quem matar ha-de morrer:

E tu que nada precisas
De taes dividas fazer,
Porque em casa de teu amo
Não te falta de comer:

Vives gordo e florido,
Cheio de felicidade,
E a honra que tu tens,
De ser gato d'um abbade.

Ouvindo este conselho
Respondeu o gatarrão:—
Já se me estaca o gadelho
Por eu ter má condicção;

Quero por força matar,
Sem olhar lei nem razão.
Principalmente ás aves
Tenho tão grande aversão,

Por ella saber voar,
E eu só andar no chão;
Por força a hei-de matar,
Sem olhar lei nem razão.

—Dito isto, o traidor gato,
Ao adro se inclinóu,
E com a voz branda e meiga
D'esta forma assim fallou:—

Vós tendes, avesinhas?
Vinde em paz, e bebereis
Quanto azeite quizerdes;
Por isso não guerrieis.

Vinde cá, pois aqui tendes
P'ra beberdes á vontade,
Com protesto, que depois,
Conserveis bella amisade

Esta graça vos off'reço
Porque de paz sou juiz,
O signal são estas barbas
A' volta do meu nariz.

Vinde, vinde sem receio,
Obedecei ao juiz,
Que eu a quem me obedecer
Prometto fazer feliz.

O innocente Morcego
A' torre se dirigiu;
Logo o traiçoeiro gato
Parece que até se riu.

Com suas falsas caricias
O começou a lamber;
Quando todo o seu desejo
Era só de o comer.

A Coruja desconfiada
Pe se pousar recusava,
Que a sua desventura
Parece que advinhava

O enganador lhe disse;
Pousa, pousa, Coruja amada,
Que te quero dar azeite,
Só p'ra ti meia canada.

A Coruja larga o vôo,
Ao pé do gato pousou;
O gato deitou-lhe as garras,
E a vida lhe tiron

N'isto o sino deu as horas
E o gato se assustou,
Logo de cima da torre
Para baixo se arroujou,

Cahindo sobre o ladrilho
Sua vida terminou;
O mal pois que alli fez,
Alli mesmo elle o pagou.

PROPHECIA

RECITADA N'UM BAILE DE MASCARAS

Cessem todos os estrondos
De sophistas e rufantes,
De violas e rebecas
E instrumentos similhantes.

Porque pede o meu Monarcha
Silencio e harmonia,
Para que attentamente
Ouçam sua prophecia,

Alem de ser um sob'rano,
Que dá leis a meio mundo,
Até tem prophetisado
O segredo mais profundo.

E' propheta verdadeiro,
E' um monarcha inspirado,
Tanto sabe do futuro,
Como do que tem passado.

Denota que para o anno
Todas as arvores darão
Flores e fructo, d'inverno,
Como se fossem no verão.

Cujo fructo tão differente
Que todos estranharão,
E sómente pela folha
As arvores conhecerão.

Vereis pinheiros dar lindes,
De sobreiros nascer uvas;
De Castanheiros cerejas,
E dos montes sanguesugas.

Carvalhos darão ameixas,
Os amieiros abrunhos;
Os salgueiros azeitonas,
E tamanhas como punhos.

Vereis figueiras dar peras,
Cerejeiras dar bugalhos;
De cabras nascerem burros,
Com albardas e chocalhos.

As oliveiras dão figos,
E laranjeiras maçãs,
Cães cantar como galinhas,
Gallos ladrar como cães.

Vereis couveiras dar folhas,
Do tamanho de lençóes;
De pardaes nascerem gaios,
De carriços rouxinoes.

Vereis tanta raridade,
P'ra vos notar por miudo;
Gatas parirão cabritos
Já com corninhos e tudo.

Vereis até os passarinhos,
Que vedes hoje voarem
Opprimidos de seus vôos
No chão sem se levantarem.

As viboras vereis e cobras,
Que rolam nos espinhados,
Sem ter azas a voarem
Nos pontos mais elevados

Ao sessenta e quatro annos
Elle tem prophetisado:
Que tudo ha-de tornar
Ao seu antigo estado.

Será feliz e ditoso
Quem n'essa era viver,
Porque todos serão ricos,
Nem um só pobre ha-de haver.

Porque tem prophetisado
Que em todo o mez de Janeiro
Ha-de chover de continuo
Ouro e prata em dinheiro

E alem d'isso as searas
Produzirão tanto pão,
Como nunca se tem visto
Nem nunca mais o verão.

O trigo creará grão
Do tamanho de bolotas;
Das palheiras forão traves,
E couçoeiras de portas.

Cada milheiro na terra
Ha-de crear vinte espigas.
Que cada uma a pedaços.
Possa encher sete gigas.

O feijão ha-de ser tanto,
Porque a cada feijoeiro
Ha-de dar quarenta saccas,
E palha para um palheiro.

Cada abobora se ha-de ver
Tão desmarcada e tamanha,
Que dê cabido em sete dias
A Portugal e Hespanha.

Vereis crear nos meloais
Tão desmarcado melão,
Que só um, posto em fatias,
Chega a uma divisão.

Vereis nos melanciaes,
Tão graúda melancia,
Que uma só seja bastante,
Para cada freguezia.

As videiras daráõ cachos,
Cada uva dez quartilhos;
Que até os velhos dirão:
Que será isto, meus filhos?

Finalmente, ávista d'isto
Só vos tenho a dizer,
Que a quem mil boccas tivesse,
Sobejava de comer.

E mais tem prophetisado
Esse distincto sobr'ano,
Que em Fevereiro, a desesete
E' seu dia para o anno.

Aos sessenta e quatro annos
Tambem tem prophetisado,
Que aos nove de fevereiro
Tornará a ser festejado.

Assim tenho acabado
Sua real prophecia,
A qual eu vos asseguro
Que vereis um certo dia.

FIM.

Typographia—Rua das Violas 154